

CONFERÊNCIA DE S. VICENTE DE PAULO

Neste fim-de-semana, o terceiro do mês, haverá um peditório à saída das Missas a favor da Conferência de S. Vicente de Paulo. Sejam generosos para com esta obra de assistência aos mais necessitados na nossa Paróquia.

CATEQUESE Neste Domingo, na Missa das 18h30, realiza-se a Festa da Palavra, do 4º ano da Catequese. As crianças vão receber a Bíblia Sagrada.

ALMOÇO TEMÁTICO No próximo sábado, dia 28, realiza-se mais um almoço temático.

A ementa é uma deliciosa feijoada, confeccionada pelo chefe Higino Queiroz e Mello. Custa apenas 15 euros e inclui prato, bebida, sobremesa e café. Inscrevam-se nas listas que se encontram nas entradas da Igreja.

CURSO SOBRE A MENSAGEM DE FÁTIMA

As paróquias de Santa Maria de Belém e de São Francisco Xavier vão organizar um Curso sobre a Mensagem de Fátima que será orientado pela Irmã Ângela de Fátima Coelho da Silva, religiosa da Aliança de Santa Maria e postuladora da causa de canonização dos pastorinhos Beatos Francisco e Jacinta, bem como vice-postuladora da causa de beatificação da Irmã Lúcia. Durante dois dias, a irmã Ângela irá dar a conhecer os acontecimentos e os protagonistas de Fátima; a centralidade de Deus na Mensagem e a importância da adoração eucarística. Os temas abrangem uma reflexão sobre Nossa Senhora:

- O Seu Coração Imaculado como expressão da compaixão de Deus pelo mundo
 - A importância da oração do Terço
 - A pedagogia do Segredo: do medo à esperança
 - A reparação como convite a participar na acção salvadora de Deus
 - A consagração como entrega e acolhimento
- Considero muito importante olhar para a Mensagem de Fátima, ainda que a conheçamos, com um olhar novo e um coração aberto como quem quer aprender mais, com a curiosidade própria de quem gosta de se deixar encantar, (Irmã Ângela).

EVANGELHO DE HOJE: MT 4, 12-23

Quando Jesus ouviu dizer que João Baptista fora preso, retirou-Se para a Galileia. Deixou Nazaré e foi habitar em Cafarnaum, terra à beira-mar, no território de Zabulão e Neftali. Assim se cumpria o que o profeta Isaías anunciara, ao dizer: «Terra de Zabulão e terra de Neftali, estrada do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios: o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam na sombria região da morte, uma luz se levantou». Desde então, Jesus começou a pregar: «Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus». Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: «Vinde e segui-Me e farei de vós pescadores de homens». Eles deixaram logo as redes e seguiram-n'O. Um pouco mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco, na companhia de seu pai Zebedeu, a consertar as redes. Jesus chamou-os e eles, deixando o barco e o pai, seguiram-n'O. Depois começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo.

O curso irá decorrer nas paróquias de Santa Maria de Belém e de São Francisco Xavier, tem início no Sábado dia 25 de Fevereiro às 10H00 e termina no Domingo dia 26 às 17H00.

Faça a sua inscrição online através do site da paróquia (www.paroquiasfxavier.org)

DINHEIROS PARA A NOVA IGREJA

Café/bolos	54,10 €
Caixas	152,22 €



996

DOMINGO:

Domingo III do Tempo Comum
Is 8, 23b – 9, 3 (9, 1-4); 1 Cor 1, 10-13. 17; Mt 4, 12-23 ou Mt 4, 12-17

SEGUNDA-FEIRA

Hebr 9, 15. 24-28; Mc 3, 22-30

TERÇA-FEIRA

S. Francisco de Sales, bispo e doutor da Igreja
Hebr 10, 1-10; Mc 3, 31-35

QUARTA-FEIRA

Festa da Conversão S. Paulo, Apóstolo
Act 22, 3-16 ou Act 9, 1-22;
Mc 16, 15-18

QUINTA-FEIRA

S. Timóteo e S. Tiago, bispos
2 Tim 1, 1-8 ou Tit 1, 1-5; Mc 4, 21-25 ou Lc 10, 1-9

SEXTA-FEIRA

S. Ângela Merici, virgem
Hebr 10, 32-39; Mc 4, 26-34

SÁBADO

S. Tomás de Aquino, presbítero e doutor da Igreja
Hebr 11, 1-2. 8-19; Mc 4, 35-41

PRÓXIMO DOMINGO

Domingo III do Tempo Comum
Sof 2, 3; 3, 12-13; 1 Cor 1, 26-31
Mt 5, 1-12a

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 26 (27), 1.4.13-14
(R. 1a)

REFRÃO:

O Senhor é minha luz e salvação.

PARÓQUIA DE

SÃO FRANCISCO XAVIER

Rua João Dias, nº 53 | 1400-221 Lisboa

Tel: 210966989

sfxavier@paroquiasfxavier.org

www.paroquiasfxavier.org

22 de Janeiro de 2017 Domingo III do Tempo Comum

VINDE COMIGO



Duccio di Buoninsegna, Jesus aparece aos discípulos

Cristo veio «iluminar aqueles que jazem nas trevas e nas sombras da morte, para guiar os seus passos no caminho da paz». De que trevas falamos? Tudo aquilo que está na nossa inteligência, na nossa vontade ou na nossa memória e que não é Deus ou não provém de Deus, melhor dizendo, tudo aquilo que em nós não é para glória de Deus e causa separação entre Deus e a alma é trevas. É que Cristo, tendo em Si a luz, trouxe-a até nós para que pudéssemos ver os nossos pecados e odiar as nossas trevas. Na verdade, a pobreza que Ele escolheu quando não encontrou lugar na hospedaria é para nós a luz pela qual podemos conhecer, a partir de então, a felicidade dos pobres em espírito a quem pertence o Reino dos Céus.

O amor de que Cristo deu testemunho consagrando-Se à nossa instrução e expondo-Se a suportar por nós as vicissitudes, o exílio, a perseguição, as chagas e a morte na cruz, o amor que finalmente O fez orar pelos seus carrascos é para nós a luz graças à qual também nós podemos aprender a amar os nossos inimigos. Lansperge o Cartuxo, Sermão 5; Opera Omnia

A VONTADE DE JESUS SOBRE A SUA IGREJA E

Papa Bento XVI, Audiência Geral, 15 de Março de 2006



Luca Signorelli, Última ceia

A Igreja começou a construir-se quando alguns pescadores da Galileia encontraram Jesus, deixaram-se conquistar pelo seu olhar, pela sua voz, pelo seu convite caloroso e forte: “Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens”. O meu amado Predecessor João Paulo II propôs à Igreja, no início do terceiro milénio, que contemplatesse o rosto de Cristo (cf. *Novo millennio ineunte*, 16ss.). Seguindo também eu a mesma direcção, na catequese a que hoje dou início, gostaria de realçar como precisamente a luz daquele Rosto se reflecte sobre o rosto da Igreja (cf. *Lumen gentium*, 1), apesar dos limites e das sombras da nossa humanidade frágil e pecadora. Depois de Maria, reflexo puro da luz de Cristo, são os Apóstolos, com a sua palavra e com o seu testemunho, que nos ensinam a verdade de Cristo. Contudo, a sua missão não está isolada, mas insere-se num mistério de comunhão, que envolve todo o Povo de Deus e realiza-se por etapas, da Antiga à Nova Aliança. Em relação a isto deve dizer-se que será mal compreendida a mensagem de Jesus, se a separarmos do contexto da fé e da esperança do

povo eleito: como João Baptista, seu imediato precursor, Jesus dirige-se em primeiro lugar a Israel, para ali fazer a “colheita” no tempo escatológico juntamente com ele.

Por conseguinte, desde o primeiro momento da sua actividade salvífica Jesus de Nazaré procura reunir o Povo de Deus.

Mesmo sendo sempre a sua pregação um apelo à conversão pessoal, ele na realidade tem continuamente por objectivo a constituição do Povo de Deus que veio reunir e salvar. (...) O individualismo da teologia liberal é uma acentuação tipicamente moderna: na perspectiva da tradição bíblica e no horizonte do hebraísmo, nos quais a obra de Jesus se situa mesmo com toda a sua novidade, é evidente que toda a missão do Filho feito homem tem uma finalidade humanitária. Ele veio precisamente para convocar a humanidade dispersa, veio para reunir e unir o povo de Deus.

Um sinal evidente da intenção do Nazareno de reunir a comunidade da aliança, para manifestar nela o cumprimento das promessas feitas aos Pais, que falam sempre de convocação,

de unificação, de unidade, é a instituição dos Doze. Ouvimos o Evangelho sobre esta instituição dos Doze. Leio mais uma vez a parte central: “Jesus subiu depois a um monte, chamou os que Ele queria e foram ter com Ele. Estabeleceu doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar, com o poder de expulsar demónios. Estabeleceu estes doze...”

No lugar da revelação, “o monte”, Jesus com uma iniciativa que manifesta absoluta autoconsciência e determinação, constitui os Doze para que sejam com Ele testemunhas e anunciadores do acontecimento do Reino de Deus. Sobre a historicidade desta chamada não existem dúvidas, não só devido à antiguidade e à multiplicidade dos testemunhos, mas também pelo simples motivo que nela se encontra o nome de Judas, o apóstolo traidor, apesar das dificuldades que esta presença podia causar à comunidade nascente.

O número Doze, que evidentemente evoca as doze tribos de Israel, já revela o significado de acção profético-simbólica implícito na iniciativa de fundar novamente o povo santo. Tendo terminado há tempo o sistema das doze tribos, a esperança de Israel estava depositada na sua reconstituição como sinal da vinda do tempo escatológico. Ao escolher os Doze, introduzindo-os numa comunhão de anúncio do Reino em palavras e acções, Jesus pretende dizer que chegou o tempo definitivo no qual se constitui um novo povo de Deus, o povo das doze tribos, que agora se torna um povo universal, a sua Igreja.

Com a sua própria existência os Doze chamados de proveniências diferentes tornam-se um apelo para Israel inteiro para que se converta e se deixe reunir na nova aliança, pleno e perfeito cumprimento da antiga.

Ter-lhes confiado na Última Ceia, antes da sua Paixão, a tarefa de celebrar o seu memorial, mostra como Jesus quisesse transmitir a toda a comunidade na pessoa dos seus chefes o mandato de serem, na história, sinal e instrumento da reunião escatológica, com ele iniciada. Num certo sentido podemos dizer que precisamente a Última Ceia é o acto da fundação da Igreja, porque Ele se oferece a si mesmo e cria desta forma uma nova comunidade, uma comunidade unida na comunhão com Ele. Sob esta luz, compreende-se como o Ressuscitado lhes confere com a efusão do Espírito o poder de perdoar os pecados.

Os doze Apóstolos são, desta forma, o sinal mais evidente da vontade de Jesus em relação à existência e à missão da sua Igreja, a garantia de que entre Cristo e a Igreja não existe contraposição alguma: são inseparáveis, não obstante os pecados dos homens que pertencem à Igreja.

Portanto, é totalmente inconciliável com a intenção de Cristo uma propaganda que estava na moda há alguns anos: “Jesus sim, Igreja não”. A escolha deste Jesus individualista é um Jesus fruto da fantasia. Não podemos ter Jesus sem a realidade que Ele criou e na qual se comunica. Entre o Filho de Deus feito homem e a sua Igreja existe uma profunda, inseparável e misteriosa continuidade, em virtude da qual Cristo está presente hoje no seu povo. Ele é sempre nosso contemporâneo, é sempre contemporâneo a Igreja construída sobre o fundamento dos Apóstolos, está vivo na sucessão dos Apóstolos. E esta sua presença na comunidade, na qual Ele mesmo se oferece sempre a nós, é o motivo da nossa alegria.

Sim, Cristo está connosco, o Reino de Deus vem.